**RESUMO EXPANDIDO EPCA 2024**

**O PAPEL DO JORNALISMO AMBIENTAL NA CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS SOBRE A AMAZÔNIA A PARTIR DE TRABALHOS ACADÊMICOS**

**(Idayane da SILVA FERREIRA – FACOM/UFPA)[[1]](#footnote-1)**

**(Yanna DUARTE ARRAIS – PPGCOM/UFMA)[[2]](#footnote-2)**

**RESUMO**

Este estudo examina a cobertura jornalística das questões ambientais na Amazônia, um tema de crescente relevância diante dos desafios socioambientais da região. A pesquisa revisa oito trabalhos acadêmicos que analisam como veículos de comunicação, como "Amazônia Real" e "G1", abordam essas questões, identificando lacunas e desafios na produção jornalística. Utilizando metodologias variadas, incluindo análise de conteúdo e análise de discurso, os estudos revelam a predominância de abordagens tradicionais em comparação com práticas mais engajadas adotadas por veículos independentes. Entre os principais resultados, destaca-se a ênfase no discurso oficial e a invisibilização das vozes das comunidades locais na cobertura do Jornal Nacional sobre a crise ambiental em 2019, o que limita a capacidade do jornalismo de mobilizar a sociedade. A pesquisa conclui que, apesar de avanços em alguns aspectos, a cobertura ambiental no Brasil necessita de uma transformação que inclua novas narrativas, diversidade de fontes e inovação, visando um engajamento mais profundo com as questões ambientais da Amazônia.

**Palavras-chave:** Cobertura Jornalística; Questões Ambientais; Amazônia; Produção Jornalística; Conflitos Socioambientais.

**1. INTRODUÇÃO**

A cobertura de temáticas ambientais na Amazônia é um campo de crescente importância, especialmente diante da urgência das questões socioambientais que a região enfrenta. Este estudo se dedica a analisar trabalhos que investigam a forma como diferentes veículos de comunicação tratam as questões ambientais na região, buscando evidenciar os desafios e as lacunas existentes na produção jornalística sobre esse tema.

O presente trabalho se fundamenta em uma revisão bibliográfica de oito estudos, incluindo artigos, dissertações e teses, que abordam a cobertura ambiental em veículos como “Amazônia Real”, “G1”, “TV Amazonas”, “TV A Crítica” entre outros. Busca-se não apenas mapear as representações da Amazônia e suas comunidades, mas também discutir como essas narrativas moldam a percepção pública sobre a região e suas questões ambientais.

Com isso, abordamos também discussões que envolvem o jornalismo ambiental, que se dedica a cobrir temas relacionados ao Meio Ambiente e à sustentabilidade. A partir desse segmento, busca-se cobrir eventos e problemas ambientais, assim como questões políticas e econômicas relacionadas à preservação ambiental. De uma forma contextualizada, busca-se ouvir para além das fontes oficiais, explicando e relacionando os acontecimentos (Colombo, 2010).

Bueno (2007) ressalta que o Jornalismo Ambiental deve ter uma identidade própria, distinta do marketing verde ou da ecopropaganda, com um compromisso voltado ao interesse público, à democratização do conhecimento e ao incentivo de debates plurais. Esse jornalismo busca aproximar diversas vozes e saberes, promovendo uma relação harmoniosa e duradoura entre a humanidade e o Meio Ambiente, valorizando também o conhecimento tradicional (Bueno, 2007).

**2. ANÁLISE JORNALISMO AMBIENTAL SOBRE A AMAZÔNIA EM TRABALHOS ACADÊMICOS**

A análise dos trabalhos revisados nesta pesquisa inclui uma variedade de formatos acadêmicos, como dissertações, teses e artigos. Ao todo, foram considerados: a dissertação de Tavares (2022), o artigo de Souza e Miguel (2023), a tese de Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues (2020), a dissertação de Lucas Rodrigues Félix (2022), o estudo sobre a cobertura do Fundo Amazônia pelo G1 (Vieira, 2024), a pesquisa de Renata da Cruz Paes sobre a Usina Hidrelétrica Belo Monte (2019), o estudo de Miguel e Franco sobre midiativismo ambiental (2022), e o artigo de Ana Shirley Penaforte Cardoso (2014). Esses trabalhos apresentam metodologias variadas, que vão desde análise de cobertura jornalística, análise de conteúdo até a análise de discurso, com enfoques que vão do quali-quantitativo ao qualitativo.

Em termos de metodologias, os trabalhos analisados empregam uma combinação de abordagens qualitativas e quantitativas. A maioria utiliza a Análise de Conteúdo, como nas pesquisas de Renata da Cruz Paes (2019) e de Miguel e Franco (2022), que exploram a cobertura de eventos e crises específicas. A abordagem quali-quantitativa adotada por Rodrigues (2020) oferece uma perspectiva mais abrangente ao integrar dados estatísticos e entrevistas em profundidade. A pesquisa de Souza e Miguel (2023) destaca uma análise de cobertura jornalística que incorpora novos marcadores, enfatizando a natureza multimidiática das reportagens.

Por sua vez, a análise de Ana Shirley Penaforte Cardoso (2014) emprega a Análise do Discurso para discutir representações sociais e estereótipos. Tavares (2022) utiliza uma metodologia mista, combinando análises qualitativas e quantitativas. Na parte qualitativa, são aplicadas categorias analíticas como precisão, independência, pluralidade, contextualização e sensibilização, baseadas em princípios do jornalismo e critérios de jornalismo ambiental. A parte quantitativa analisa dados da audiência e tendências de busca relacionadas ao meio ambiente.

A pesquisa de Félix (2022), "A crise ambiental na Amazônia em 2019: análise da cobertura do Jornal Nacional", analisa a cobertura do telejornal da TV Globo sobre os incêndios florestais e a crise ambiental na Amazônia em agosto de 2019. O objetivo é identificar os direcionamentos editoriais do Jornal Nacional (JN) e avaliar sua conformidade com o conceito de jornalismo ambiental. Para isso, a pesquisa utiliza análise de conteúdo em 1.150 minutos de material de 27 edições do JN, categorizando subtemas como "poder", "queimadas", "indígenas" e "ciência". Além disso, foram realizadas entrevistas com especialistas e jornalistas da área ambiental.

Os referenciais teóricos também variam consideravelmente. Enquanto alguns trabalhos, como os de Cardoso (2014) e de Miguel e Franco (2022), se apoiam em teorias contemporâneas do jornalismo e da mídia, outros, como o de Renata da Cruz Paes (2019), dialogam com conceitos de mobilização social e de percepção pública. A presença de autores como Foucault e Kellner na pesquisa de Cardoso (2014) aponta para uma análise crítica das relações de poder e da construção de narrativas mediáticas. Por outro lado, os estudos que investigam a cobertura ambiental no Brasil, como os de Rodrigues (2020) e de Vieira (2024), enfatizam a necessidade de um entendimento mais profundo das questões socioambientais, destacando falhas na cobertura que podem ser atribuídas à dependência de fontes oficiais.

Félix (2022) fundamenta sua análise em teóricos como Laurence Bardin e Antonio Chizzotti para a análise de conteúdo, e Wilson da Costa Bueno e André Trigueiro para o conceito de jornalismo ambiental. A conclusão aponta que a cobertura do JN se aproxima mais de um jornalismo sobre meio ambiente do que de um jornalismo ambiental integral, enfatizando o discurso oficial e limitando o potencial do telejornal em mobilizar a sociedade para a ação.

A análise dos trabalhos revela uma dicotomia significativa entre o jornalismo ambiental tradicional e as práticas mais engajadas e inclusivas promovidas por veículos independentes. A abordagem crítica, a diversidade de vozes e a inclusão de narrativas marginalizadas são aspectos que se destacam no trabalho de Souza e Miguel (2023), em contraste com a cobertura superficial observada nas publicações tradicionais analisadas por Rodrigues (2020) e em Vieira (2024). Essa discrepância ressalta a importância de evoluir o jornalismo ambiental para que ele possa atender efetivamente às necessidades de sensibilização e conscientização sobre questões críticas da Amazônia.

Os trabalhos analisados oferecem uma visão abrangente sobre o papel do jornalismo ambiental e midiativista na cobertura de eventos ambientais, com foco na região. Eles ilustram as limitações, avanços e potencialidades do jornalismo ambiental tradicional e midiativista no contexto brasileiro.

**3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Apesar do avanço em algumas frentes, como o midiativismo e a inclusão de novas vozes, a prática jornalística no Brasil ainda enfrenta desafios significativos. A falta de inovação tecnológica e a manutenção de formatos tradicionais limitam a capacidade de promover uma cobertura ambiental crítica e abrangente. A necessidade de um jornalismo que se distancie das narrativas oficiais e se aprofunde nas realidades locais é essencial para garantir que os leitores tenham acesso a informações verdadeiramente relevantes e contextuais.

Em conjunto, os oitos trabalhos aqui analisados ressaltam a necessidade de evolução do jornalismo ambiental no Brasil, tanto no formato tradicional quanto no midiativista. Enquanto veículos independentes, como a “Amazônia Real”, adotam práticas mais engajadas e inclusivas, os meios de comunicação tradicionais ainda parecem limitados por amarras estruturais e narrativas que restringem uma abordagem crítica e contextualizada. Isso evidencia a importância de uma prática jornalística que vá além da mera informação factual, engajando-se mais profundamente com as questões ambientais e sociais da Amazônia.

Por fim, é evidente que o escopo total analisado aponta para uma necessidade urgente de transformação na forma como a mídia aborda questões ambientais, especialmente na Amazônia. A inclusão de perspectivas locais, a ampliação da pluralidade de fontes e o uso de formatos mais inovadores podem contribuir para um jornalismo que não apenas informe, mas que também mobilize e engaje a sociedade em um debate crítico sobre os desafios ambientais contemporâneos.

A capacidade de construção de narrativas que reflitam a complexidade das realidades amazônicas pode ser um passo fundamental para a promoção de uma consciência ambiental mais crítica e atuante entre os cidadãos.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BUENO, W. da C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 15, 2007.

COLOMBO, E. M. Jornalismo Ambiental: sua história e conceito no contexto social. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS, 2-6 de setembro de 2010. Intercom- Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: < http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-2674-1.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022.

CARDOSO, A. S. P. Cenários de violência: estereótipos na cobertura jornalística do Amazônia Jornal em áreas periféricas belenenses. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, 2014, Belém, PA. Anais [...]. Disponível em:<https://portalintercom.org.br/anais/norte2014/resumos/R39-0824-1.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

FÉLIX, Lucas Rodrigues. A crise ambiental na Amazônia em 2019: análise da cobertura do Jornal Nacional. 2022. 131 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Orientador: Luciana Miranda Costa. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/9291/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o_AnaTavares_PPGSCA.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

MIGUEL, K. G.; FRANCO DE SOUZA, A. Midiativismo ambiental: a boiada de Ricardo Salles na Amazônia Real: Environmental media activism: Ricardo Salles’ oxen in Amazonia Real. *Esferas*, v. 1, n. 25, p. 510–530, 2022. Disponível em:<https://doi.org/10.31501/esf.v1i25.13888>. Acesso em: 13 out. 2024.

PAES, R. da C. A cobertura jornalística nacional e internacional da Amazônia: o caso da UHE Belo Monte. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <https://paginas.uepa.br/pcambientais/dissertacao_renata_paes_turma_2017.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

RODRIGUES, A. S. B.. Jornalismo e meio ambiente na Amazônia: a cobertura de eventos ambientais extremos pela imprensa escrita de Manaus. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020. Disponível em:<https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/3140/1/ALLAN%20SOLJEN%c3%8dTSIN%20BARRETO%20RODRIGUES.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

SOUZA, A. F.; MIGUEL, K. G. Environmental media activist journalism: contributions from an analysis of journalistic coverage from Amazonia Real. *Brazilian Journalism Research*, v. 19, n. 3, e1601, 2023. Disponível em:<https://doi.org/10.25200/BJR.v19n3.2023.1601>. Acesso em: 13 out. 2024.

TAVARES, A. K. da S. S. Telejornalismo e meio ambiente na Amazônia: a qualidade da cobertura de eventos ambientais e seu papel social no Amazonas. 2022. 124 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus (AM), 2022. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/9291/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o_AnaTavares_PPGSCA.pdf>. Acesso em: 13 out. 2024.

VIEIRA, L. M.; CORDEIRO, D. F. Desinformação na mídia: análise exploratória de conteúdos jornalísticos veiculados no Portal G1. *BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 37, n. 2, p. 67–73, 2024. Disponível em:<https://doi.org/10.14295/biblos.v37i2.16213>. Acesso em: 15 out. 2024.

1. Especialização em Jornalismo de Dados, Inteligência Artificial e Pesquisa Netnográfica (cursando – Fev. 2024/Mai. 2025) pela FACOM/UFPA. Mestre em Comunicação pelo PPGCOM-UFMA (2023). Especialista em Assessoria de Comunicação Empresarial e Institucional pela UFMA (2020). Graduada em Jornalismo com habilitação em Comunicação pela UFMA (2016). [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestranda em Comunicação pelo PPGCOM-UFMA. Graduada em Jornalismo pela UFMA (2023). [↑](#footnote-ref-2)